

Ponderações Sobre Jornalismo de Personagem¹

José Carlos FERNANDES²
Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR

Resumo

O “modelo de audiência” tende a valorizar os gêneros e subgêneros jornalísticos abrigados debaixo das chamadas “matérias de interesse humano”. São exemplos o perfil, o depoimento e o testemunho, aos quais também se pode chamar de “jornalismo de personagem”. Os motivos da associação entre “histórias de vida” e “número de usuários únicos” no site dos jornais, contudo, ultrapassam as questões mercadológicas. A ambiência, as rupturas culturais na passagem do século XX para o XXI e as transformações trazidas pela internet são parte de uma revolução maior, causada pela quebra dos paradigmas modernos. A apreciação da “pequena história” tende a ser sintoma da “guinada subjetiva” – a afirmação das experiências individuais em detrimento dos discursos coletivos. Escapismo e fuga, o deleite do personagem pode ser uma tentativa de encontrar nos relatos comuns uma conexão para a sociedade fraturada.

Palavras-chave: perfil; jornalismo impresso; personagem; jornalismo literário.

Alguém que procure na literatura o termo “jornalismo de personagem” pode se frustrar. Ainda que se possa afirmar que contar histórias seja uma prática tão antiga quanto o próprio jornalismo moderno, a expressão segue cercada de estranhezas. A começar pelo campo de conhecimento que detém um monopólio do termo “personagem” – a área dos Estudos Literários. Para as Letras, “o” ou “a” personagem são acima de tudo um produto da ficção, daí o incômodo provocado pela banalidade de jornalistas em busca de um personagem, não raro para “ilustrar uma matéria”. De um determinado ponto de vista, entrevistados não podem ser confundidos com personagens – e essa é a regra (BOURDIEU, 1996).

O fato é que à revelia da aparente ilegalidade do termo – e de sua ainda baixa afirmação nos estudos de jornalismo – a prática de contar a história de uma pessoa, ou mesmo de um lugar ou ainda de um animal (*O livro dos bichos*, do jornalista Roberto Kaz)

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor doutor do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), cronista e colaborador do jornal *Gazeta do Povo*: email: josecarlosfernandes@terra.com.br.

– faz parte das lides da imprensa. Os níveis são variados, cada um com sua ciência, de modo que se pode afirmar que – mesmo com todos os avanços teóricos (a lembrar, as publicações de Edvaldo Lima, Sergio Vilas Boas e Monica Martinez) – o “jornalismo de personagem”, ou de perfis, aliados ou não ao guarda-chuva das “matérias de interesse humano”, ainda carece de um inventário³.

Além de essencial para a afirmação do sujeito moderno, o surgimento do espaço biográfico o foi também [...] para traçar o limiar incerto entre o público e o privado e, conseqüentemente, a nascente articulação entre o individual e o social. É essa relação, que leva do uno ao múltiplo, do *eu* ao *nós*, imprescindível numa indagação sobre a construção do campo da subjetividade... (ARFUCH, 2010, p. 83)

Sem esse esforço de mapeamento impera a dificuldade em distinguir o “jornalismo de personagem” que se mescla a outros gêneros, mistura da qual empresta parte de suas características – sendo que nessas mesclas também está parte de sua gênese. Há, por exemplo, personagens nas crônicas de João do Rio (ANTELO, 2008). Ou mesmo fumaças do que viria a ser essa corrente nas pioneiras reportagens das revistas brasileiras da Belle Époque (OLIVEIRA. VELOSO. LINS, 2010). Por que não dizer – há jornalismo de personagem no columnismo social, com folga o espaço editorial mais alijado das pesquisas.

Os marcos do “jornalismo de personagem” permanecem atrelados a textos como *O segredo de Joe Gould*, de Joseph Mitchell (2003). Escrito na década de 1940 – quando o próprio Mitchell já pontificava uma “escola de texto sobre gente” –, alcança algum lastro na década de 1960, quando o *new journalism* ganha o status de moda, saída, epifania para um jornalismo precocemente engessado pelas regras de composição do jornalismo industrial. Por ironia, esses mesmos espartilhos formais libertaram os repórteres das ciladas da literatura expressa nos narizes-de-cera, longas descrições e impressionismos (WEINGARTEN, 2010).

É de fato difícil contestar o *new journalism* como uma espécie de “instante mágico” para a liberação do texto jornalismo de qualidade. Passa a fazer parte do cardápio a

³ Esse artigo não propõe um inventário ou um mapeamento, mas ser um campo de expressão para essa necessidade. Muitas das impressões aqui manifestas nasceram de observações ainda não devidamente sistematizadas, no território da escrita e da leitura, sobre questões referentes ao “jornalismo de personagem”. O autor soma quase três décadas de trabalho diário na imprensa paranaense, sendo cronista e perfilador, com frequência semanal. Além das matérias de interesse humano, não contabilizadas, de 2008 até a presente data publicou 432 crônicas no jornal *Gazeta do Povo*, a maior parte delas sobre personagens; e editou e organizou duas coletâneas de perfis publicadas nesse jornal (2010 e 2015), sendo autor de um total de dez capítulos nas duas publicações (<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/perfil/>).

observação de elementos externos ao objeto de reportagem. O repórter, por sua vez, ganha licenciamento para expressar sua subjetividade, não mais encarada como um crime lesa jornalismo (LIMA, 2014). A permissão para falar do personagem em baía exclusiva – o que inclui o anônimo – ganha vazão a partir daí, garantindo a formação do que se pode chamar de um gênero. Mas é prudente considerar que os perfis praticados no período de formação da reportagem – a partir dos anos 1910 –, ainda que nas suas formas e fórmulas mais elementares, também contribuíram para consolidar a prática do “jornalismo de personagem” (VELLOSO, 2008). Esses pioneiros não subiram o pódio, como se sabe.

Joseph Mitchell, Gay Talese, Norman Mailer, Lilian Ross, Kenneth Tynan, Tom Wolfe, Janet Malcolm, Joan Didion – para citar alguns dos mestres surgidos com o *new journalism* e na esteira deles – praticam um jornalismo de excelência. As condições com que produziram suas histórias, contudo, costumavam estar aquém das situações corriqueiras. Nessas ocasiões, mais do que pretexto para uma grande história contada por um ás da pena, o “personagem” também é solicitado, não raro, para dar uma escala de humanidade e otimismo a uma matéria do dia a dia (VILAS BOAS, 2014).

Desse modo, pode-se afirmar que existe um jornalismo de perfil para além da *The New Yorker* ou do *The New York Times*, feito com uma cozinha que flerta com os dos expoentes do gênero, mas que não se assemelha à deles nem nas condições de produção nem, a rigor, nos conceitos. Muitas vezes, tampouco na forma. O “jornalismo de personagem” de segundo e terceiro escalão – se assim se pode dizer – pende para a caricatura, para o senso comum, para a ilustração, um ponto de fuga na sociedade do medo (BAUMAN, 2006). Tem qualidades – é claro –, dentre elas a espontaneidade. Resta defender por que merece ser estudado, dada sua aparente desimportância e baixa contribuição ao gênero.

Das razões do personagem

Dentre as razões de fundo para estudar o “jornalismo de personagem” em seus momentos de formação – no pré-*new journalism* – e nas suas formas para além do *establishment* do gênero, está a evidência de que o perfil vive um momento de retorno. Pode-se afirmar com relativa segurança que nas duas últimas décadas houve uma quebra de rotinas nas redações em torno desse tipo de escrita. Trata-se de um gênero afirmado e incentivado.

O “personagem” deixa de ser monopólio do jornalista experiente – não raro com pendores de cronista – para se tornar parte da pauta diária. A tarefa é forçosamente entregue aos novatos ou aos jornalistas ambientados com editoriais *hard news*, posto que não há estoque de jornalistas de cultura, afeitos às particularidades dos perfis. É o que se pode afirmar, por exemplo, diante do aluvião de perfis em revistas e diários de economia, por exemplo. O projeto editorial do jornal *Valor Econômico* se escora inclusive no personagem. E bastaria uma varredura nos e-mails de uma redação qualquer – durante um dia – para flagrar a quantidade de mensagens com os dizeres “alguém conhece alguém para uma matéria sobre...”

As causas dessa renascença têm a ver com movimentos que incidiram sobre o jornalismo a partir da década de 1990. A internet forçou editores e jornalistas a reverem suas hierarquias, expedientes e variações de gêneros usados nos textos (JENKINS, 2009). Nesse contexto, o jornalismo em profundidade, a exemplo do literário, emerge como alternativa para salvar a imprensa da promessa de popularidade ofertada pelos *fait divers*, *drops* sobre celebridades e demais instantâneos alçados à custa de baixa apuração.

Ao perderem a primazia da notícia, os jornais se puderam a revalorizar gêneros textuais mais atraentes, como os perfis, antes restritos aos magazines. (VILAS BOAS, 2014). Some-se a essa tendência, um movimento próprio do século XXI, a chamada “guinada subjetiva” (SARLO, 2007). Em meio à complexidade da sociedade líquida ganha força o seu inverso, a sociedade palpável, nascida da fala das pessoas comuns. Nas artes em geral, os criadores cada vez mais falam de sua história e de seu corpo. No jornalismo os entrevistados passam a falar de si, colocando-se como um binóculo a partir do qual se vê e se entende o mundo.

Deve-se lembrar que, paralelo, mudou a maneira de a sociedade se comunicar, o que incidiu sobre as rotinas e os valores sedimentados do jornalismo. A notícia continua sendo desejável, mas o receptor não se porta mais como um passivo. A internet trouxe uma percepção estridente do público, e nenhuma forma de jornalismo passa impune por essa mudança (BAUMAN, 2003).

Hipóteses

Provar a vulgarização do perfil em tempos de sociedade líquida e jornalismo de clicks é tarefa que exigiria meses de medições em jornais e revistas. Mas está longe de ser uma leviandade afirmar que existe uma popularização do gênero, cada vez mais entregue

não aos literatos, com mais referências a explorar, mas incluído no pacote das pautas noticiosas. O “jornalismo de personagem” deixa de ser um prato de domingo no menu dos jornais (JENKINS, 2009).

Os motivos desse imperativo do personagem sugerem algumas hipóteses, aqui expostas de forma não hierárquica.

- 1) O jornalismo *fin-de-siècle* nasceu debaixo de transformações aceleradas e de escala planetária. Tem-se aqui como respaldo teórico as proposições de Ciro Marcondes Filho, que destaca como “dobras do tempo” questões como o fim da História, a crise da Hermenêutica, o abandono dos grandes metarrelatos e narrativas – e com elas o desprezo pelo narrador dos sentidos –, o chamado fim das ideologias, entre outros. Essas mudanças incidiram diretamente sobre as redações. Elas nasceram sob a égide moderna de que se deve transformar o mundo, evitar a repetição de erros históricos e que o jornalista deve se fazer um agente para a criação de uma sociedade justa, além de um mediador de discursos (MARCONDES FILHO, 1993). Essa diminuição de escala de influência do homem e mulher da mídia – supõe-se – pode ter criado como escape a valorização do mundo palpável do personagem. Em redações cada vez mais tecnocratas, regidas por lógicas corporativas, estranhas ao fazer clássico do jornalismo, contar a trajetória de alguém ganha sentido de afirmação de um jornalismo humanista (GIDDENS, 1991; HARVEY, 2011).
- 2) A chamada crise trazida pela internet – a partir de meados da década de 1990 – acelerou a produção de conhecimento dentro das redações. Foi preciso reagir diante de mudanças anunciadas no processo produtivo e no conceito de notícia. A lógica da audiência se impõe sobre o modelo de influência, incensado pelos jornais ditos sérios. Boa parte da resistência ao novo modelo – à mercê do gosto médio do público – veio pela afirmação impertinente do que o jornalismo tem de melhor: o saber contar uma história, o que inclui “encontrar um bom personagem” (BRUM, 2014 e 2016). O próprio modelo de audiência se mostrou favorável aos perfis, geralmente bem aceitos, compartilhados, dada sua capacidade em criar verossimilhança com o leitor (MEYER, 2007).
- 3) Tendo como base a expressão usada pela ensaísta argentina Beatriz Sarlo, o período pós-moderno vai ser marcado pela “guinada subjetiva” (2007) – outro

elemento que favorece o “jornalismo de personagem”. No lugar da projeção moderna em grandes personagens do cinema, da literatura e da história – pelo qual as pessoas e grupos se sentem representados – o que se tem é a afirmação da pequena história, do individual, a narrativa de idílios de superação quase invisíveis. Essa tribalização – ou afirmação de microculturas, como a dos gays, dos surdos, dos corredores de rua e quantas mais redes (superficiais ou não) se puder elencar – está longe de ser tranquila, mas é um fato (EAGLETON, 2004). Na recusa de grandes narrativas que nos incluem como parte de um discurso universal, opta-se pelo discurso próprio, que diminui o mundo em vez de alargá-lo. A voz do personagem – não raro anônimo – ocupa o lugar de Próspero, de Shakespeare; da Ilse, do filme *Casablanca*; ou do ativista Gandhi, para citar aqui três exemplos aleatórios (EAGLETON, 2004. SARLO, 2007).

- 4) Some-se a esse esfacelamento do discurso moderno – no qual o jornalismo, tal como se conhece hoje, se formou – a afirmação da micro-história, da história da vida privada, da história oral, do cotidiano – entre outras práticas de recolhimento de fontes que se afirmaram desde seus inícios como reparadoras do esquecimento imposto às minorias (ALEKSIÉVITCH, 2016). O “jornalismo de personagem” merece ser elencado entre essas contribuições. Ilustra essa afirmação o sucesso do filme *Philomena* (Inglaterra, 2014), de Stephen Frears. A partir de uma história anônima se chega ao conhecimento da ação da Igreja na adoção ilegal de crianças no pós-Guerra, mas o ponto de partida é uma “matéria de interesse humano”, como se diz no jargão.

Em síntese, a prática mais frequente do perfil – e suas variantes, com o depoimento, o relato, o testemunho, entre outras denominações (MELO. LAURINDO. ASSIS, 2012) – parece ter sido reforçada pela ruptura dos paradigmas modernos, pela necessidade da reação da imprensa escrita frente o fracasso desse modelo de negócio; pela busca de modelos palatáveis, capazes de alavancar audiências e por um ambiente de acantonamento – nos termos pensados por Michel de Certeau (2008) – em que dizeres sobre a sociedade são reiniciados a partir de pequenas narrativas, nas quais o leitor consiga enxergar a própria escala de sua vida.

Ainda é cedo para afirmar – e mesmo improvável – que a concessão do Nobel de Literatura de 2015 à bielorrussa Svetlana Aleksievitch deva se somar a essa lista de sintomas

pró-perfil e similares. Um livro refinado como *Vozes de Tchernóbil – a história oral do desastre nuclear*; e *A guerra não tem rosto de mulher*, ambos lançados em 2016 pela Editora Companhia das Letras, não têm poder de “viralizar” um gênero. O reconhecimento do trabalho de uma jornalista – que passou duas décadas recolhendo depoimentos –, contudo, tem um significado e pode afirmar um desejo coletivo de salvaguardar micronarrativas (PIGLIA, 2004). Svetlana, ainda que com mais técnica e proficiência, fez em *Vozes...*, por exemplo, o que um jornalista da imprensa diária faz ao buscar um bom personagem para sua matéria.

Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos de cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tendo captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 40)

Na posição de gênero de transição, ou de um subgênero utilitário em tempos de crise, contudo, o “jornalismo de personagem” – assim como em alguma medida os perfis, caso se queira fazer uma distinção entre a parcela mais consagrada e a menos – está sujeito a toda sorte de lugares comuns. É o preço, talvez inicial, da gratuidade com que passou a ser produzido. De regalo ocasional, criador de profundidades editoriais, ganha status de refeição diária, ao lado do *hard news*. A nivelção por baixo de uma técnica que, apesar da pouca bibliografia, tem já a sua ciência, pode ser explicada pela rapidez com que é produzida. E pela própria lógica do publicar para gerar resultado imediato (RECUERO, 2009).

Recolher depoimentos faz parte do ofício jornalístico. Muitos depoentes parecem esperar por essa figura, que está ali para recolher o que eles viveram, fazendo dessa narrativa uma história (HELLER, 2014). Tal exercício vem para confirmar que todos têm uma história para contar e estão à espera de quem as possa ouvi-las (LEJEUNE, 2014).

Jornada do herói

Ainda que os vícios de origem do “jornalismo de personagem” sejam passíveis de confirmação – num estudo comparado – são passíveis de serem identificados num olhar mais ligeiro. Para levantar essas ciladas a que o “jornalismo de personagem” está sujeito em tempos comandados pelos humores das redes sociais – vai-se aqui recorrer à própria mitologia do personagem.

Os estudos de personagem – na literatura e no jornalismo, ainda que de pontos de vista nem sempre convergentes – recorrem à “jornada do herói”, descrita pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell (MARTINEZ, 2008). O esquema do homem comum, chamado a uma grande aventura, que a recusa, que volta atrás, que é provado, realiza e volta à vida comum, é uma espécie de grande achado para entender o jogo de espelhos que se estabelece entre o personagem e o leitor. Trata-se de uma mitologia de dimensão humana, pois o herói não se reveste de um estado de coragem integral. Está sujeito a fraquezas. Tem defeitos. O percurso torturante identificado por Campbell é pagão, não é cristão – exceto no martírio. O mesmo não se pode dizer a mitologia cristã, que demanda da hagiografia católica. O santo – ainda que admirável – é um personagem ideal, superior, com o qual o leitor real, movido por convicções profunda, mortificado, e de quem o leitor, em sua miséria, guarda respeitoso distanciamento. Um e outro não comeriam à mesma mesa.

Por ironia, o “jornalismo de personagem” em sua versão menos elaborada, popular, usado para ilustrar, para angariar audiência ou para quebrar a rigidez de matérias de temas áridos – fatalmente restritas a um público interessado – tende a escorar mais na hagiografia e menos na “jornada do herói”. Os personagens tendem a ser edulcorados, beatificados, emasculados. Não raro são o “seu João” e a “dona Maria”, subservientes a um modelo que serve melhor aos pobres, aos velhos, aos injustiçados, mais predispostos aos mantos espartanos da hagiografia (MARTINS, 2008). Outra coisa não faz o repórter – seja ele sem tempo ou sem imaginação – senão recorrer a personagens esquemáticos, alheios a maiores conflitos, de modo a colocá-los no altar (MARÃO; RIBEIRO, 2010).

É fato o episódio da mulher de meia idade, aposentada, pouco dada a pintar os cabelos que alerta, antes de uma entrevista, que não quer se reduzida ao rótulo da senhora solitária e sem vaidade que, solitária, dedica sua vida a cuidar de cachorros. A garantia lhe é dada pelo repórter, que estranha o temor – talvez porque não enxergue esse perigo nos seus reducionismo disfarçados de técnica e modelo. Qual surpresa é a edição final, na qual a carapuça é vestida tal e qual, pois àquela pessoa só cabe aquela história.

O grande valor deste método [jornada do herói], sem dúvida, é a de resgatar a humanização perdida nos textos jornalísticos. Não se compreende aqui a humanização em seu contexto romântico, isto é, o de lançar luzes benévolas e afáveis na construção de perfis de polianas imaginárias. (MARTINEZ, 2008, p. 40)

Para surpresa – e essa é esquizofrenia do jornalismo de personagem sem refinamento – o leitor pode “curtir”, mas tende a dedicar pouco tempo a histórias que apenas confirmem o que já sabe (JOUVE, 2002). E histórias que não acionam seu “horizonte de expectativa”, como se diz nas teorias da recepção. A história repetitiva tende a ser identificada, aprovada, legitimada, mas é pouco lida ou lembrada.

No imaginário popular, os predestinados ao sucesso são vistos como geniais ou criativos, pessoas ,marcadas por um destino à parte, que as isola de outros humanos. Frequentemente. Essa concepção se liga a noções religiosas, e não é difícil compreender Poe quê. O ‘criar’ é visto como uma habilidade exclusiva de sujeitos ‘incríveis’ ou ‘sobrenaturais’.
(VILAS BOAS, 2006, p. 101)

Há outro lado nesse jogo de recusas e aprovação. O perfil clássico – que explora tensões, conflitos, os defeitos dos personagens, suas contradições e, assim mesmo, suas glórias – exige práticas de leituras do leitor (VILAS BOAS, 2008 e 2014). Ao lidar com as falhas daquele ser que está ali para ser admirado – posto que o perfil é um gênero parcial – o leitor é provocado a agir – entra em funcionamento a máquina pensante (ECO, 1994). Ler não é apenas visitar uma história cândida, que não está ali para modificá-lo, mas provar do desconforto. Ao se deparar com o que no outro é pouco palatável, também esboça a recusa (BLOOM, 2001).

Sou cético com relação à expectativa tradicional de que o bem-estar social possa ser promovido a partir do aumento da capacidade de imaginação das pessoas, e desconfio de qualquer argumentação que associe o prazer da leitura solitária ao bem público. (BLOOM, 2001, p. 18)

Na verdade, nunca somos causa de nossa vida, mas podemos ter a ilusão de nos tornarmos seu autor, escrevendo-a, com a condição de esquecermos que somos tampouco causa da escrita quanto de nossa vida. A forma autobiográfica dá a cada um de nós a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável. (LEJEUNE, 2014, p. 143)

Resta saber qual dos dois fatores de risco abraçar – a história que é aprovada, mas pode não ser lida – ou lida de forma corretiva e adestradora; ou a história que tende a chamar atenção, mas que está sob o risco de recusa do leitor, pois ele pode rejeitar o papel que o personagem ali descrito, lhe propõe (CHARTIER, 2009). Resta dar um voto de confiança ao bom jornalismo. Só ele salva.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. Vozes de Tchernóbil: crônica do futuro. Trad. Sonia Branco. 1.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANTELO, Raúl. Introdução. IN: RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad.: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Trad.: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad.: José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

BOURDIEU, Pierre, **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad.: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 2. Morar, cozinhar. 7.^a edição. Trad.: Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 4.^a edição. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2009.

EAGLETON, Terry. Balzac encontra Beckham. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 de dez de 2004. Caderno Mais.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad.: Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 21.^a Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 10.^a Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Suzana Alexandria. 2.^a Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOUBE, Vincent. **O leitor**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2.^a Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2.^a Ed. Barueri (SP): Manole, 2014.

MARÃO, José Carlos. RIBEIRO, José Hamílton. **Realidade re-vista**. Santos (SP); Realejo Edições, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. 1.^a Ed. São Paulo: Ed. Scritta, 1993.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2008.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. Cotidiano e história na modernidade anômala. 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, José Marques. LAURINDO, Roseméri. ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau (SC): Edifurb, 2012.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. Trad.: Patrícia De Cia. São Paulo: Contexto, 2007.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould.** Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Cláudia de. VELLOSO, Monica Pimenta. LINS, Vera. **O moderno em revistas:** representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves.** Trad.: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo > elementos para discussão. IN: SOSTER, Demétrio de Azeredo. SILVA, Fernando Firmino da (orgs.). **Metamorfoses jornalísticas 2:** a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul (RS): Edunisc, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Sensibilidades modernas: as revistas literárias e de humor no Rio da Primeira República.” IN: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, história e literatura.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. Coleção FCRB Aconteceu 4.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo:** reflexões sobre as escritas de vida. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis:** o mundo dos outros, 22 personagens e um ensaio. 3.^a edição rev. e ampl. Barueri (SP): Manole, 2014.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito:** Wolfe, Thompson, Didion e a revolução do novo jornalismo. Trad. Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2010.